

# **ESTUDO INTERCULTURAL SOBRE A INTERAÇÃO MÃE-FILHO(A) EM JOGO LIVRE AOS 9 MESES EM DIADES BRASILEIRAS E PORTUGUESAS**

Cristina Rodrigues (nina\_\_alex@hotmail.com)<sup>3</sup>, Camila Ribeiro<sup>1</sup>, Dionísia Lamônica<sup>1</sup>, Pedro Lopes dos Santos<sup>2</sup> e Marina Fuertes<sup>2,3</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Fonologia da Universidade de S. Paulo

<sup>2</sup>Centro de Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

<sup>3</sup>Instituto Politécnico de Lisboa – Escola Superior de Educação/CIED

O presente projeto foi financiado pelos projetos PTDC/PSI-E-DD/110682/2009 & PTDC/MHC-PED/1424/2014 atribuídos por FCT/FEDER

**Resumo:** Ainsworth, Bell e Stayton (1974) definem a sensibilidade maternal como capacidade de perceber e interpretar adequadamente os comportamentos e comunicações do bebê respondendo pronta e adequadamente às necessidades. Van den Boom (1997) num estudo meta-analítico apresenta a mutualidade/reciprocidade como fatores importantes na sensibilidade das mães, ganhando assim um sentido diádico, no qual a qualidade da interação resulta do produto da sensibilidade do adulto com a cooperação infantil. Embora a qualidade da interação mãe-filho(a) tenha sido estudada em várias culturas, existem poucos estudos interculturais (i.e., realizados nas mesmas condições em culturas distintas). Neste estudo dedicamo-nos à cultura portuguesa à cultura brasileira que partilhando a mesma língua são distintas em termos de organização social e nas respostas à infância e à família. Assumindo, uma abordagem diádica e uma linha de estudo quasi-intercultural, procurou-se descrever e comparar a sensibilidade materna e cooperação infantil atendendo às expressões facial e vocal, posicionamento, afetividade, reciprocidade, diretividade e qualidade de jogo, em duas amostras independentes: portuguesa e brasileira. Para o efeito, as díades mãe-filho(a) foram filmadas em jogo livre aos 9 meses. Os resultados indicam diferenças significativas entre a qualidade interativa nas duas amostras: mães brasileiras mais passivas e bebês brasileiros mais difíceis. O género do bebé e o Apgar ao primeiro minuto afetaram os resultados na amostra brasileira. Na amostra portuguesa foram: idade do pai, Apgar ao quinto minuto, peso gestacional do bebé, e a escolaridade dos pais associou-se aos comportamentos interativos mãe-filho(a). Em suma, diferentes fatores afetaram as duas amostras. Os dados são discutidos à luz das práticas de intervenção precoce suportadas na evidência e na ação preventiva junto da família.

**Palavras-chave:** *Representações maternas; Comportamentos interativos mãe-filho(a); Intervenção Precoce*

## ESTADO DE ARTE

A literatura científica descreve o comportamento dos pais mais sensíveis como mais atento, respeitoso, motivador e adequado às necessidades das crianças (e.g., Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Grossmann, Grossman, Spangler, Suess, & Unzner, 1985; Isabella, 1993). Com efeito, estes pais dedicam mais tempo a brincar com os filhos (Faria, Lopes-dos-Santos, & Fuertes, 2014). As relações com pais sensíveis parecem favorecer o desenvolvimento global, comunicativo e cognitivo da criança que tende a apresentar melhores indicadores e melhor adaptação aos contextos pré-escolares (Serradas, Tadeu, Soares, & Fuertes, 2016; Williford, Carter & Pianta, 2016). Para além destes processos, o desenvolvimento emocional é fortemente afetado pela sensibilidade dos pais, na medida em que as crianças com pais mais sensíveis apresentam melhor autorregulação em condições de stress (Kochanska, 1997; Tarabulsky Bernier et al., 2005), têm mais amigos e são sociáveis (Beeghly, Fuertes, Liu, Deloris, & Tronick, 2011) e têm ainda relações de vinculação segura (Ainsworth, 1965). Neste campo, amplamente estudado, as culturas portuguesas e brasileiras têm sido menos estudadas. Assim, propomos um estudo comparativo entre as duas culturas.

### **Sensibilidade materna como precursor da vinculação segura**

Para Bowlby (1969), a vinculação é um sistema comportamental que tem como objetivo a proximidade entre a criança e a figura de vinculação, funcionando interrelacionado o comportamento da criança e o comportamento parental. O autor afirmou ainda que, havendo uma relação privilegiada com a figura materna, diminuí os riscos de vida. Em 1982, Bowlby defende que os processos de vinculação se manifestam e estabelecem em função da díade relacional, articulada com as circunstâncias exteriores.

Segundo Crittenden (1999), todos os padrões de vinculação são in senso lato adaptativos, não sendo apenas adaptativos em termos evolutivos, mas com vantagens individuais, na medida em que mãe e filho interagem considerando as experiências anteriores.

Ainsworth (1979) descreveu dois tipos de interação entre mãe e filho: segura base e segura ansiosa. A vinculação segura tem por base a confiança que a criança sente pela mãe e face a situações de perigo, espera que a mãe a socorra, permitindo à criança fazer explorações sem situações de alarme. A vinculação ansiosa resulta da imprevisibilidade, inacessibilidade e da baixa qualidade de resposta por parte da mãe, causando ansiedade na criança, e ainda aumentando a procura da

proximidade da mãe em situações que não são alarmantes, diminuindo assim o sentido exploratório como consequência mesmo que não haja motivos para tal. Neste sentido, Bowlby (1969) definiu como princípio central da teoria da vinculação evolutivo-etológico, quando as crianças estão ansiosas ou confrontadas com o perigo usam as suas referências de vinculação como um “refúgio seguro”, e usam as referências vincu-  
lativas como “base segura” quando exploram o ambiente sem qualquer ameaça ou perigo. Deste modo, os teóricos da vinculação como Ainsworth, Bell e Stayton, 1974; Bowlby (1969/1982) associam a ideia de que a sensibilidade materna é determinante da qualidade de interação entre mãe-filho(a) e, na verdade, o melhor preditor da segurança de vinculação na infância é a sensibilidade materna (Bigelow et al., 2010).

### **Complexidade do conceito de sensibilidade materna**

Na tentativa de explicar e estudar os comportamentos maternos que promoviam a base segura Ainsworth, Waters e Wall (1978), desenvolveram o constructo da sensibilidade materna definindo como a capacidade maternal para identificar, interpretar e dar uma resposta adequada perante os sinais do comportamento infantil (Ainsworth et al., 1978; Ainsworth, Bell, & Stayton, 1971). Neste sentido, Ainsworth, Bell e Stayton (1974) descreveram quatro componentes da sensibilidade materna: atenção aos sinais da criança; interpretação precisa dos sinais; resposta adequada às comunicações da criança e resposta pronta, de modo a que a reação não seja percebida como contingente.

Posteriormente, têm sido muitos os estudos realizados por investigadores de diversas áreas do desenvolvimento infantil (psicologia, medicina, pedagogia), resultando assim um crescimento da literatura sobre o tema em que, cada vez mais, tem possibilitado desenvolver investigações sobre os comportamentos maternos e infantis. É de referir aqui, alguns dos estudos a título de exemplo, onde encontraram correlações positivas entre os quatro componentes da sensibilidade materna traçados em 1974 por Ainsworth et al. (Lohaus, Keller, Ball, Voelker, & Elben, 2004, citado em Serradas, 2016). Em 1996 foi considerado que a sensibilidade materna é em simultâneo decorrente e produto do desenvolvimento da criança (Damast, Tamis-LeMonda, & Bornstein, 1996, citado em Serradas, 2016). Segundo Bigelow, Maclean, Proctor, Myatt, Gillis e Power (2010), as evidências empíricas e resultados de investigações referenciam a sensibilidade dos pais como o melhor preditor da segurança da vinculação na infância (De Wolf & van Ijzendoorn, 1997; Lucassen, Tharner, van Ijzendoorn, Bakermans-

-Kranenburg, Volling, Verhulst et al., 2011). Não obstante não é único e só explica moderadamente a qualidade da vinculação.

A autora van den Boom (1997) considera que a sensibilidade materna reflete uma interação, logo não faz sentido não pensar na ação entre ambos os parceiros salientado a elevada complexidade pela diversidade de operacionalizações que acontecem numa interação entre mãe-filho(a). Salienta ainda que, deve ser interpretado no contexto diádico uma vez que, constitui uma dimensão relacional que bonifica qualquer comportamento interativo. A sensibilidade materna deve ser vista como uma construção diádica pois pressupõe uma influência bidirecional (van den Boom, 1997; Beeghly et al., 2011). Neste sentido, a teoria de processo centrada no desenvolvimento da segurança emocional (Shonkoff & Phillips, 2000, citado em Aguiar, 2006) é referida como um processo feito através das vivências precoces de interação entre mães e filhos, nas quais os filhos compreendem e imputam sentido às vivências seguintes, assim como Bowlby (1969) já havia desenvolvido o conceito de que os laços afetivos criados nas interações influenciam a imagem que têm um do outro.

Muitos têm sido os investigadores que se têm debruçado sobre a interação mãe-filho(a) em termos diádicos, investigando a interação diádica e referindo-a como correspondência afetiva e contacto ocular (e.g., Isabella, 1993; Tronick & Cohn, 1989; Weinberg, Olson, Beegly, & Tronick, 2006; Weinberg, Beeghly, Olson, & Tronick, 2008, citado em Serradas, 2015, p.7). Também tem sido objetivo a “orientação mutuamente sensível” que pressupõe um constructo bidimensional entre a responsividade e o afeto (e.g., Aksan, Kochanska, & Ortmann, 2006; Kochanska, 1997; Kochanska, & Aksan, 2004 citado em Serradas, 2015, p.7) passando pela “corregulação diádica e coordenação” (e.g., Beebe et al., 2000; Evans & Porter, 2009; Yale, Messinger, Cobolewis, & Delgado, 2007 citado em Serradas, 2015, p.7), “sincronia” ou “conexão” (e.g., Feldman, 2003; Isabella & Belsky, 1990; Raikes, 2007, citado em Serradas, 2015, p.7) e “reparação diádica e envolvimentos incompatíveis” (e.g., Tronick & Cohn, 1989 citado em Serradas, 2015, p.7).

Segundo Ainsworth, Bell e Stayton (1974) e Bowlby (1969), os teóricos da matéria pensam que a sensibilidade materna e a recetividade das crianças são os fatores principais para a qualidade de interação da mãe-filho(a).

Na perspetiva de Beeghly et al. (2011) a sensibilidade materna envolve a troca de fatores momentâneos provenientes de vários indicadores externos, havendo assim uma construção diádica na interação que, pressupõe um sistema de comunicação entre mãe-filho(a). Nesta

perspetiva, esta comunicação pode ser entendida como um sistema de regulação diádico constituído por três subsistemas: da mãe, do filho(a) e de ambos. Recentemente, Belsky (2005, citado em Fuertes Lopes-dos-Santos, Beeghly, & Tronick, 2009), considerou que tanto a qualidade do envolvimento materno com a criança como a qualidade de resposta infantil juntamente com outros fatores contextuais, são preditores significativos da interação mãe-filho(a).

### **Fatores que influenciam a sensibilidade materna**

São inúmeros os fatores que influenciam a sensibilidade materna como as características da mãe, designadamente a personalidade materna, a saúde mental e bem-estar emocional, a história, a idade, a educação, o estatuto profissional e por fim fatores de stress (Kochanska, 1997; Tarabulsky et al., 2005).

Para além dos aspetos contextuais (os próximos e os distantes) já acima referidos, os aspetos da relação conjugal também influenciam a qualidade de interação mãe-filho(a) (Corwyn & Bradley, 2002). Na linha dos fatores socioecológicos, o nível socioeconómico dos pais também tem influência na dimensão da sensibilidade materna, uma vez que, pais com menos rendimentos económicos são mais coercivos e usam disciplina física (Beeghly et al., 2011). Também Costa, Lopes-dos-Santos e Fuertes (2014) mencionam estudos em que a sensibilidade materna e a pobreza estão significativamente associados, sendo que os estudos revelaram que as crianças que viviam em contextos favoráveis tinham mães com sensibilidade materna mais adequada.

As redes de apoio social também têm influência nos índices de sensibilidade materna (Dunst & Trivette, 1988). Segundo os autores, as interações entre mãe-filho(a) estavam associadas aos apoios recebidos pelos pais, sendo a ausência de apoio um dos fatores para a falta de jogo faz-de-conta, de jogo verbal e de jogo exploratório.

Os fatores culturais são elementos que influenciam a qualidade da relação diádica entre mãe-filho(a) durante a interação social (Beeghly et al., 2011).

Para Beeghly et al. (2011), através do envolvimento em interações sociais o modelo de regulação mútua prevê que as diferenças individuais na qualidade da interação emergem, ao longo do tempo. Os bons índices de sensibilidade materna também estão interligados ao desenvolvimento cognitivo, motor e comportamental da criança (Serradas, 2016).

Podemos encontrar na literatura de Ainsworth (1985) a ligação das experiências repetidas da criança com a mãe que lhe permitirá representar a figura materna como sua parceira de interação que poderá ser responsiva e acessível (com determinadas características no comportamento materno) (Fuertes, 1998).

### **Avaliação da qualidade do comportamento do adulto e caracterização do comportamento infantil**

Para Claussen e Crittenden (2000), a sensibilidade está associada a um processo comunicativo multifaseado. Ainsworth et al. (1974) salientam a importância de considerar duas componentes do processo de interação: (i) a leitura adequada dos sinais do bebé e (ii) a realização de respostas adequadas aos sinais da criança.

Crittenden (2003) criou um guião de desenvolvimento para as interações onde podemos observar o que é expectável das mães dos bebés dos 3 aos 9 meses:

Reciprocidade e partilha de prazer entre os 3 e os 9 meses de idade - O adulto, nesta fase, deve ser capaz de ajudar a criança a perceber e a participar em sequências comportamentais diádicas. Para o efeito, deve marcar o início de cada sequência procurando o contacto ocular, fazer pausas, sinalizar os momentos de “partida”, modular o curso das trocas interactivas e marcar, com clareza, a conclusão da sequência. A sequência deve ser repetida até que a criança a possa perceber e prever os comportamentos do adulto, de modo a encontrar formas mais activas de participação. Este processo conjunto e recíproco, deve desenrolar-se no registo da partilha de afectos positivos. Após o bebé ter aprendido a responder reciprocamente podem ser fornecidas sequências mais longas e variadas. As variações devem aumentar o interesse e também ensinar o bebé a prestar atenção às componentes da sequência como unidades intermédias de um determinado padrão. Este aspecto parece essencial para a aquisição das competências pragmáticas da comunicação sobre as quais se fundará, em grande parte, o desenvolvimento futuro da linguagem (p. 111).

Através da pesquisa de estudos portugueses relacionados com a aplicação do CARE-Index (Crittenden, 2003), elaborámos uma tabela de correlações (ver tabela 1) entre o comportamento materno e o comportamento infantil.

De acordo com a mesma tabela, em todos os estudos revistos foi possível verificar uma correlação positiva da sensibilidade materna com a cooperação infantil com amostras variadas, assim como, o con-

trolho materno apresentou uma correlação significativa com a compulsão infantil.

Nos estudos de Faria (2011) com amostra de crianças de termo; Fuertes (2005) com amostra de crianças pré-termo, Fuertes et al. (2009) com amostra de crianças prematuras e de classe média; crianças de termo/prematuras e pobreza; e em Serradas et al., (2016) com amostra de crianças em risco biológico, a passividade materna correlacionou-se positivamente com a passividade infantil nestes quatro estudos. No entanto, a passividade materna correlacionou-se significativamente com a dificuldade infantil em apenas dois dos estudos (Fuertes et al., 2009; Serradas et al., 2016) com amostra de crianças de termo e classe média, e com crianças em risco ambiental respetivamente, o que não deixa de ser curioso por serem amostras muito distintas uma da outra. Em dois dos estudos aqui apresentados (Canelhas, 2011; Serradas, 2016) não foram encontradas correlações significativas entre a passividade materna e os comportamentos infantis.

<b>Autor</b>	<b>Amostra</b>	<b>Sensibilidade materna</b>	<b>Controlo materno</b>	<b>Passividade materna</b>
Fuertes, Marina (2004)	Pré-termo	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil
Fuertes et al., (2009)	Termo e classe média	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Dificuldade infantil
	Prematuridade e classe média	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil
	Termo e pobreza	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil
	Prematuridade e pobreza	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil
Canelhas, Dina (2011)	Pré-termo e Termo	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Não foram encontradas correlações significativas
Faria, Anabela (2011)	Termo	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil
Serradas et al., (2016)	Sem condições de risco	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Não foram encontradas correlações significativas
	Risco biológico	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil
	Risco ambiental	Cooperação infantil	Compulsão infantil	Passividade infantil

Tabela 1 - Tabela de correlações entre o comportamento materno e o comportamento infantil em estudos portugueses com o CARE-Index

## PRESENTE ESTUDO

Na esteira dos estudos anteriores sobre sensibilidade materna, é nosso objetivo comparar os comportamentos diádicos em amostras de países distintos: Brasil e Portugal. A literatura anterior indica grandes diferenças culturais no que respeita à interação mãe-filho. Estes dois países próximos na língua e cultura têm realidades económicas e sociais muito distintas. Procuramos estreitar as duas realidades sabendo que em amostras tão reduzidas e não normativas, apenas podemos levantar questões e hipóteses futuras. É assim neste carácter exploratório que procuraremos estudar em díades portuguesas e brasileiras os comportamentos maternos relativamente à sensibilidade, controlo, passividade materna e comportamentos infantis quanto à cooperação, compulsão, dificuldade e passividade infantil. Para efeitos, serão comparadas 26 díades do Brasil e 25 díades portuguesas de bebés de termo aos 9 meses de vida, em situação de jogo livre, quanto à expressão facial, expressão vocal, posicionamento, afetividade, reciprocidade, controlo e atividade. Por fim, queremos averiguar a relação entre os dados demográficos dos pais (idade e anos de escolaridade) e dos bebés (sexo, Apgar ao 1º minuto, Apgar ao 5º minuto, idade gestacional do bebé e peso à nascença) com os fatores dos comportamentos maternos e infantis.

## MÉTODOS

### Participantes

No presente estudo participaram 51 díades mãe-filho(a) de nacionalidade portuguesa e brasileira, das quais 25 díades foram com bebés de termo portugueses e 26 díades com bebés de termo brasileiros (ver tabela 2). As díades foram selecionadas aleatoriamente dentro das amostras de díades de termo. Contudo, podemos observar na tabela 2, a amostra portuguesa inclui mais meninos e a amostra brasileira mais meninas.

Amostra	Sexo do bebé		Total
	Masculino	Feminino	
Portugueses	15	10	25
Brasileiros	11	15	26
Total	26	25	51

Tabela 2 - Contagem de participantes

Foram recolhidos dados demográficos dos bebés e das suas famílias que podemos observar na tabela 3.

Na amostra portuguesa as mães são, em média, mais velhas (M=29.84; DP=4.68) e apresentam também mais anos de escolaridade (M=14.28; DP= 3.82), igualmente os pais portugueses têm mais idade (M=32.40; DP=6.83) e anos de escolaridade (M=13.32; DP=3.86).

Os bebés portugueses desta amostra apresentam, em média, maior idade gestacional (M=39.69; DP=1.06), peso (M=3.356,28; DP=505.99), Apgar ao 1º minuto (M=9.16; DP=.473) e têm mais irmãos (M=1.56; DP=.651).

Nesta amostra, tanto os bebés portugueses como os bebés brasileiros apresentam a mesma média do Apgar ao 5º minuto (ver tabela 3).

A equipa deste estudo, considerou que os dois casos de idade gestacional com 35 semanas (da amostra brasileira, ver tabela 3) poderiam ser incluídos na investigação uma vez que estavam muito próximos da idade gestacional de termo.

	Nacionalidade	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Máx.</i>
Idade da mãe	Portuguesa	29.84	4.68	21-38
	Brasileira	26.23	6.86	16-43
Escolaridade da mãe	Portuguesa	14.28	3.82	7-22
	Brasileira	11.42	2.19	6-15
Idade do pai	Portuguesa	32.40	6.83	19-48
	Brasileira	28.13	9.10	17-59
Escolaridade do pai	Portuguesa	13.32	3.86	4-18
	Brasileira	11.12	1.99	7-15
Idade gestacional do bebé	Portuguesa	39.69	1.06	37.29-41.29
	Brasileira	38.81	1.46	35-40.14
Peso do bebé	Portuguesa	3356.28	505.99	2570-4350
	Brasileira	3190.96	417.98	2345-3930
Apgar 1º min	Portuguesa	9.16	.47	8-10
	Brasileira	8.88	1.18	5-10
Apgar 5º min	Portuguesa	9.92	.28	9-10
	Brasileira	9.92	.27	9-10
Nº de irmãos	Portuguesa	1.56	.65	1-3
	Brasileira	1.35	.56	1-3

Tabela 3 - Dados demográficos dos bebés e das suas famílias.

## Procedimentos

O presente estudo foi aprovado pelo Conselho de Ética do Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental (CHLO) e enquanto estudo brasileiro foi aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia de Bauru (CEP/FOB) e pelo Conselho de Ética da Maternidade Santa Isabel de Bauru, coordenada pela Fundação para o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (FAMESP). Com o efeito, o estudo português decorreu no Hospital de Santa Maria e o estudo brasileiro na Maternidade Santa Isabel.

Todas as mães participantes neste estudo, deram o seu consentimento informado para a sua participação. Neste documento garantiu-se a confidencialidade, a desistência sem qualquer prejuízo para as famílias em qualquer momento do estudo. Autorizaram também o acesso aos dados clínicos do bebé e forneceram diretamente na unidade de saúde ou no hospital de referência os dados da família.

### Instrumento e procedimentos

A qualidade de interação mãe-filho(a) foi avaliada aos 9 meses do bebé através das escalas maternas da *Child-Adult Relationship Experimental Index* (CARE-Index) (Crittenden, 2003). O comportamento materno é avaliado quanto à sensibilidade, comportamento controlador/intrusivo/hostil, e passividade/distanciamento materno compondo três escalas de comportamento independentes. O comportamento da criança reparte por uma escala de cooperação, outra de comportamento difícil, comportamento passivo ou comportamento obediente/amedrontando.

Este instrumento é constituído por 59 itens, com sete aspetos do comportamento interativo diádico: expressão facial; expressão verbal; posicionamento e manipulação; expressão afetiva; reciprocidade; diretividade e jogo. Cada item é avaliado tendo em conta as escalas maternas e da criança. Por exemplo, a expressão facial da mãe pode pontuar como sensível, como controladora ou passiva. As escalas quantificam o padrão de resposta do adulto, repartindo entre elas, um total de 14 pontos.

A escala de sensibilidade materna e cooperação infantil é um também um guião para a qualidade interativa e intervenção subdividida em quatro categorias: 1. Díade com elevada qualidade interativa com pontuação de 11-14 pontos – elevada sensibilidade materna e cooperação infantil - sem necessidade de intervenção ou aconselhamento. 2. Díade com adequada qualidade interativa com pontuação de 7-10 pontos: moderada sensibilidade materna e cooperação infantil - sem

necessidade de intervenção, mas a beneficiar de aconselhamento. 3. Díade com baixa qualidade interativa com pontuação de 6-5 pontos: moderada sensibilidade materna e cooperação infantil - com necessidade de intervenção. 4. Díade de alto risco para o desenvolvimento e bem-estar da criança com pontuação abaixo de quatro pontos, necessidade de intervenção, são evidentes os sinais de hostilidade, abuso ou negligência por parte dos adultos.

De acordo com as instruções protocolares da avaliação em jogo livre CARE-Index, a díade foi filmada durante cinco minutos dos quais se observaram três minutos. Antes da filmagem, foi dito às mães para interagirem com os filhos(as) espontaneamente e de forma natural, utilizando os brinquedos que estavam dentro da caixa.

Tendo em conta a idade cronológica dos filhos(as) e as suas capacidades, dentro da caixa estavam brinquedos, acima e abaixo do nível etário dos filhos(as) e cabia a ambas decidirem que brinquedos utilizar no jogo livre o mais próximo do que faziam em casa.

Avaliaram-se as mães separadamente dos filhos(as) e cada um foi cotado consoante as suas interações (um na perspetiva do outro) de acordo com a sensibilidade materna.

Em ordem a adquirir proficiência no uso do instrumento, os autores deste estudo foram treinados e orientados por Marina Fuertes - cotadora oficial com validação internacional no treino e na cotação do Child-Adult Relationship Experimental Index (Crittenden, 2003) ministrado por Patrícia Crittenden entre março e junho de 2003. As cotações dos 51 casos obtiveram um índice de acordo intra-observador superior aos 80%.

### **Tratamento dos dados**

Os dados foram analisados com recurso a estatística descritiva e inferencial usando a versão 22 do programa SPSS. A estatística descritiva foi usada para calcular as médias e os respetivos desvios padrão dos dados demográficos. A estatística inferencial foi usada para calcular as diferenças de médias entre as variáveis dicotómicas e pontuação dos itens das escalas. O estudo de associações por correlação permitiu descrever a associação entre as variáveis contínuas. O nível de significância foi assumido a .05 e a normalidade da distribuição das variáveis foi testada para efeitos de decisão entre estatística paramétrica e não paramétrica.

## RESULTADOS

### Diferenças na qualidade de interação mãe-filho(a) em díades portuguesas e brasileiras

Este estudo teve como objetivo analisar os comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo com a nacionalidade. Foram analisadas as seguintes variáveis da mãe: sensibilidade materna, controlo materno e passividade materna; e as seguintes variáveis da criança aos 9 meses: cooperação infantil, compulsão infantil e dificuldade infantil. Na tabela 4 é possível observar as médias e os desvios padrões dos comportamentos maternos e infantis de acordo com as nacionalidades.

Para analisar se havia diferenças significativas nos comportamentos maternos entre as mães portuguesas e as mães brasileiras, realizou-se um teste de comparação de médias (Teste t-student) para amostras independentes. Os resultados indicam que havia uma diferença significativa sendo que as mães de nacionalidade brasileira ( $M=3.19$ ;  $DP=2.91$ ) são significativamente mais passivas do que as mães de nacionalidade portuguesa ( $M=1.76$ ;  $DP=1.54$ ) aos 9 meses [ $t(49)=-2.184$ ;  $p=.03$ ].

O presente estudo indicou através do resultado do Teste de t-student que, os bebés da amostra de nacionalidade brasileira ( $M=2.38$ ;  $DP=2.40$ ) são significativamente mais difíceis do que os bebés de nacionalidade portuguesa ( $M=1.00$ ;  $DP=1.73$ ) [ $t(49)=-2.354$ ;  $p=.02$ ].

	Nacionalidade	M	DP	t	p
Sensibilidade materna	Portuguesa	9.36	2.48		
	Brasileira	8.42	2.30	1.409	
Controlo materno	Portuguesa	2.88	2.39		
	Brasileira	2.38	2.26	.761	.45
Passividade materna	Portuguesa	1.76	1.54		
	Brasileira	3.19	2.91	-2.184	.03*
Cooperação infantil	Portuguesa	9.40	2.39		
	Brasileira	8.46	2.10	1.488	.14
Compulsão infantil	Portuguesa	1.24	2.35		
	Brasileira	.58	1.55	1.193	.24
Dificuldade infantil	Portuguesa	1.00	1.73		
	Brasileira	2.38	2.40	-2.354	.02*
Passividade infantil	Portuguesa	2.44	2.02		
	Brasileira	2.50	2.30	-.099	.92

\* $p<.05$ ; \*\* $p<.01$ ; \*\*\* $p<.001$

Tabela 4 - Estatística descritiva dos dados dos comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo com a nacionalidade.

## Associação entre o comportamento materno e infantil em díades portuguesas e brasileiras

Após comparar as diferenças de qualidade na interação em díades portuguesas e brasileiras, procuramos estudar como se correlacionam os comportamentos maternos e infantis em cada amostra.

Ao analisar os resultados podemos verificar nas tabelas 5 e 6 que, em comum, as duas amostras apresentam correlações positivas entre a sensibilidade materna e a cooperação infantil e entre controlo materno e compulsão infantil. Igualmente, nas duas amostras o comportamento difícil da criança não se associa a nenhum tipo de comportamento específico materno. Curiosamente, só na amostra do Brasil, o comportamento passivo do adulto surge altamente associado ao comportamento passivo da criança e negativamente com a cooperação infantil. Este núcleo de díades passivas não se verifica na amostra portuguesa.

Adicionalmente, verificamos que a sensibilidade materna está negativamente correlacionada com passividade infantil em díades brasileiras e com a compulsão infantil em díades portuguesas. Verificamos também que o controlo materno está negativamente correlacionado com a cooperação infantil em díades portuguesas.

Tabela 5 - Correlações entre os dados dos comportamentos maternos e comportamentos infantis no Brasil.

	Comportamento materno		
	Sensibilidade materna	Controlo materno	Passividade materna
Comportamento infantil			
Cooperação infantil	.716**	-.237	-.401*
Compulsão infantil	-.164	.415*	-.180
Dificuldade infantil	0.18	.158	-.134
Passividade infantil	-.547**	-.230	.616**

Tabela 6 - Correlações entre os dados dos comportamentos maternos e comportamentos infantis em Portugal.

	Comportamento materno		
	Sensibilidade materna	Controlo materno	Passividade materna
Comportamento infantil			
Cooperação infantil	.892**	-.654**	-.370
Compulsão infantil	-.691**	.593**	.152
Dificuldade infantil	-.082	.074	.013
Passividade infantil	-.193	.032	.251

\*p<.05; \*\*p<.01; \*\*\*p<.001

## Relação entre a qualidade de interação mãe-filho(a) e os dados demográficos

Outro objetivo deste estudo é estudar os comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo as variáveis demográficas. São esses resultados que seguidamente se apresenta.

**Género da criança.** Para analisar a existência de diferenças significativas nos comportamentos maternos e infantis entre meninos e meninas, realizou-se o teste estatístico t-student para amostras independentes.

O presente estudo indicou ainda através do resultado do Teste de t-student que, os bebés da amostra de nacionalidade portuguesa não apresentam diferenças significativas entre o género masculino e feminino (ver tabela 7).

Os resultados indicam que havia uma diferença significativa sendo que as meninas brasileiras deste estudo ( $M=3.29$ ;  $DP=2.40$ ) são significativamente mais difíceis do que os meninos ( $M=1.09$ ;  $DP=1.92$ ) [ $t(23)=-2.471$ ;  $p=.02$ ]. Na tabela 8 é possível observar as médias e os desvios padrões dos comportamentos maternos e infantis de acordo com o género de nacionalidade brasileira.

	Sexo	M	DP	t	p
Sensibilidade materna	M	9.20	2.08	-.261	.80
	F	9.45	2.91		
Controlo materno	M	2.93	2.31	-.161	.87
	F	3.09	2.66		
Passividade materna	M	1.87	1.41	.665	.51
	F	1.45	1.75		
Cooperação infantil	M	9.00	2.07	-.107	.29
	F	10.00	2.68		
Compulsão infantil	M	1.47	2.82	.698	.49
	F	.82	1.40		
Dificuldade infantil	M	.80	1.08	-1.05	.30
	F	1.55	2.46		
Passividade infantil	M	2.73	2.40	1.14	.27
	F	1.82	1.33		

Tabela 7 - Estatística descritiva dos dados dos comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo com os dados demográficos em Portugal.

\* $p<.05$ ; \*\* $p<.01$ ; \*\*\* $p<.001$

Tabela 8 - Estatística descritiva dos dados dos comportamentos maternos e infantis conforme avaliados pelo CARE-Index de acordo com os dados demográficos no Brasil.

	Sexo	M	DP	t	p
Sensibilidade materna	M	8.36	2.50	-.141	.89
	F	8.50	2.31		
Controlo materno	M	2.18	2.40	-.116	.91
	F	2.29	2.09		
Passividade materna	M	3.45	3.14	.202	.84
	F	3.21	2.80		
Cooperação infantil	M	8.82	2.44	.869	.39
	F	8.07	1.86		
Compulsão infantil	M	.64	1.57	.100	.92
	F	.57	1.65		
Dificuldade infantil	M	1.09	1.92	-.247	.02*
	F	3.29	2.40		
Passividade infantil	M	3.45	2.02	1.72	.10
	F	1.93	2.34		

### Associação entre os dados dos comportamentos maternos e infantis e os dados demográficos dos bebés e das famílias

Seguidamente, foi analisada a relação entre as variáveis do comportamento materno e infantil (sensibilidade materna, controlo materno e passividade materna, cooperação infantil, compulsão infantil e dificuldade infantil) com as seguintes variáveis demográficas (escolaridade da mãe, Apgar ao 1º minuto, Apgar ao 5º minuto, idade gestacional do bebé, peso do bebé à nascença, idade do pai e escolaridade do pai). Na tabela 9 e 10 são apresentados os resultados com as amostras separadas.

De acordo com a amostra portuguesa deste estudo (ver tabela 9), os resultados indicaram que a sensibilidade materna se associou positivamente à escolaridade e idade do pai. A passividade materna está negativamente correlacionada com o Apgar ao 5º minuto. Já a compulsão infantil se associou negativamente aos anos de escolaridade da mãe e do pai, assim como também com a idade do pai. Nesta amostra, a passividade infantil se associou positivamente à escolaridade materna e ao peso do bebé.

De acordo com a amostra brasileira deste estudo (ver tabela 10), os resultados indicaram que o Apgar ao 1º minuto associou-se negativamente à passividade infantil.

\*p<.05; \*\*p<.01; \*\*\*p<.001

	<b>Sensibilidade materna</b>	<b>Controlo materno</b>	<b>Passividade materna</b>	<b>Cooperação infantil</b>	<b>Compulsão infantil</b>	<b>Dificuldade infantil</b>	<b>Passividade infantil</b>
Idade da mãe	.260	-.215	-.070	.219	-.277	.170	-.073
Anos de escolaridade da mãe	.288	-.316	.045	.036	-.522**	.209	.407*
Apgar ao 1º minuto	.385	-.178	-.322	.341	-.178	.074	-.270
Apgar ao 5º minuto	.160	.183	-.536**	.178	-.039	.183	-.311
Idade gestacional do bebé	.051	-.205	.241	.083	-.220	-.095	.206
Peso do bebé à nascença	.040	-.178	.216	-.211	-.362	.356	.401*
Anos de escolaridade do pai	.472*	-.314	-.245	.377	-.571**	.142	.117
Idade do pai	.436*	-.232	-.317	.386	-.415*	.140	-.104

Tabela 9 - Correlações entre os dados demográficos do bebé e da família e os comportamentos maternos e infantis, de acordo com a amostra portuguesa.

	<b>Sensibilidade materna</b>	<b>Controlo materno</b>	<b>Passividade materna</b>	<b>Cooperação infantil</b>	<b>Compulsão infantil</b>	<b>Dificuldade infantil</b>	<b>Passividade infantil</b>
Idade da mãe	-.102	-.278	.292	-.235	-.239	.119	.271
Anos de escolaridade da mãe	.267	-.370	.063	.114	-.094	.045	-.081
Apgar ao 1º minuto	.182	.265	-.348	.298	.237	.285	-.714**
Apgar ao 5º minuto	-.136	-.311	.345	.128	.114	-.146	-.053
Idade gestacional do bebé	.216	-.191	-.031	.249	-.189	.117	-.115
Peso do bebé à nascença	.064	-.260	.145	.042	-.093	.086	.000
Anos de escolaridade do pai	.029	-.008	-.017	-.022	-.148	.173	-.051
Idade do pai	.336	-.046	-.238	.139	.023	.075	-.193

Tabela 10 - Correlações entre os dados demográficos do bebé e da família e os comportamentos maternos e infantis, de acordo com a amostra brasileira.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo teve como principal objetivo investigar os comportamentos interativos das mães- filho(a) de termo aos 9 meses de vida, em situação de jogo livre, quanto à expressão facial, expressão vocal, posicionamento, afetividade, reciprocidade, controlo e atividade. No presente estudo participaram 51 díades mãe-filho(a), das quais 25 eram portuguesas e 26 díades brasileiras.

Quando comparámos os comportamentos interativos das díades portuguesas e brasileiras, os resultados indicaram que as mães brasileiras eram mais passivas do que as mães portuguesas. Por seu lado, os bebés brasileiros mostraram-se mais difíceis do que os portugueses. Ora, analisando os estudos da sensibilidade materna realizados com amostras portuguesas e com amostras brasileiras não encontramos fundamento para esta diferença (Ribeiro, 2017). Não sabemos se os resultados se devem às diferenças culturais dos dois países ou à especificidade das duas amostras. Com efeito, na amostra do Brasil as mães apresentam menos anos de escolaridade e índices de pior condição económica. Na verdade, os fatores socioeconómicos são determinantes da qualidade da vinculação. Num estudo português Fuertes et al. (2009), verificaram que as condições socioeconómicas agravam tanto a qualidade da vinculação, que não prejudicam mais essa qualidade do que a condição da prematuridade, como quando a condição de pobreza é elevada, a qualidade da relação mãe-filho atinge um tal risco que a condição de prematuridade já não agrava esse risco. Igualmente, Costa et al. (2014) encontraram relações significativas entre a pobreza e a sensibilidade materna, resultando na maior parte dos casos em risco para a criança. Segundo o estudo de Mistry et al. (2002), os pais preocupados com as questões económicas revelam menor capacidade para interações favoráveis e afetuosas. Para Sameroff e Fiese (2000) há vários fatores de risco (e.g., depressão materna, consumos de álcool ou drogas, falta de apoio social e situações financeiras desfavoráveis) que podem influenciar a qualidade interativa diádica. Também na investigação do Brasil, os fatores socioeconómicos afetam de modo significativo apresentando-se como um fator de risco uma vez que no estudo de Ribeiro (2017) a amostra predominante era de classe considerada baixa. Segundo Mansson et al. (2014), o nível socioeconómico tem sido um dos fatores de elevado risco no desenvolvimento dos bebés. Deste modo, as diferenças podem não ser explicadas por fatores culturais, mas por diferenças socioeconómicas, pelo que julgamos poder inferir que numa amostra portuguesa mais carenciada os resultados podiam ser idênticos aos encontrados na amostra do Brasil.

No presente estudo, procuramos comparar as correlações entre

os comportamentos maternos e infantis na amostra portuguesa e na amostra brasileira. Os resultados indicam algumas correlações distintas. Em primeiro, como em todas as amostras portuguesas estudadas com o CARE-Index de que temos conhecimento e que mencionamos na revisão de literatura, a sensibilidade materna se associou à cooperação infantil na amostra nacional e brasileira (Fuertes et al., 2009; Canelhas, 2011; Faria, 2011; Ribeiro, 2017) em que os resultados indicaram que quanto maior é a sensibilidade materna maior é a cooperação infantil. Este resultado é generalizado na pesquisa internacional do mesmo, a diretividade materna esteve associada à compulsão infantil corroborando com os estudos de Crittenden (1981, 1992) e também Dilalla e Crittenden (1990). Contudo, na amostra do estudo brasileiro encontram uma elevada prevalência de comportamento passivo da mãe que está associado ao comportamento passivo da criança. Este perfil raramente foi encontrado em Portugal, geralmente o comportamento passivo materno português se associa ao comportamento difícil da criança (Faria, 2011; Faria et al., 2014). Alguns foram os autores que concluíram que, quanto menor for a passividade materna maior é a chamada de atenção das crianças através de atitudes exageradas (Crittenden, 1999; Kozłowska & Hanney, 2002) associando-se, assim, a um comportamento difícil infantil. Autores portugueses (Fuertes, 2004; Fuertes et al., 2009; Serradas et al., 2016), verificaram que a passividade materna só se associou à passividade infantil com amostras de prematuros; pobreza ou em risco biológico. O único estudo em que este perfil foi encontrado com amostras sem um risco determinado foi nos trabalhos de Faria (2011), no entanto, é preciso ter em conta a baixa escolaridade da amostra estudada. Os estudos portugueses parecem globalmente indicar que na cultura portuguesa a passividade materna só se associa à passividade infantil quando está associada a alguma condição de risco. Os nossos dados, na amostra portuguesa, não indicam associações entre o comportamento passivo das mães e o comportamento infantil, nem entre o comportamento infantil difícil ou passivo das crianças e o comportamento materno, atribuímos esta baixa associação ao reduzido número de casos na amostra, embora teoricamente fosse de prever estes resultados.

Neste estudo, a resposta infantil parece variar em função do género do bebé na amostra do Brasil. Foi possível observar que os bebés do sexo feminino eram mais difíceis do que os bebés do sexo masculino. Embora com outros objetivos, no estudo de Zamberlan (2002) no Brasil, os resultados indicaram que as meninas obtiveram mais reforço diferencial pelas suas vocalizações e mais respostas verbais do que os meninos. Noutro estudo brasileiro, Glória (2005), obteve resultados que indicam que a comunicação da mãe com os meninos é menor do

que com as meninas, assim como a atividade da mãe parece não exercer influência nos meninos. Embora os nossos dados não identifiquem esta relação na amostra portuguesa, outros portugueses como Latino et al. (2017) identificaram em meninas, aos 9 meses, uma percentagem superior de Comportamento Socialmente Negativo comparativamente aos meninos. Na literatura nacional e internacional, os resultados tendem a ser contraditórios no domínio do género, as investigações de Mayes e Carter (1990) e de Braungart-Rieker, Garwood e Notaro (1998) corroboram este resultado. Já no estudo de Serradas et al. (2016), a qualidade de interação da mãe parece variar também em função do género da criança, no entanto, apresenta resultados de mães mais sensíveis com as meninas, bem como, os resultados do estudo de Bornstein et al. (2008) indicaram que as mães de meninas eram mais sensíveis e promotoras de estruturação do que as mães dos meninos. Porventura, a variável género tem de ser compreendida no quadro da abordagem sistémica associada a fatores familiares, culturais e ao desenvolvimento da criança.

Apesar da baixa associação entre os dados demográficos e comportamento diádico na amostra do Brasil, na amostra portuguesa foram encontradas diversas associações. Em relação ao efeito da escolaridade da mãe, os resultados deste estudo indicaram que houve uma associação negativa entre o aumento da escolaridade e a compulsão infantil e positiva com a passividade infantil na amostra portuguesa. Estes resultados corroboraram com os resultados obtidos em vários estudos portugueses como, por exemplo, o estudo de Serradas et al. (2016) desenvolvido em amostras com fatores de risco para o desenvolvimento da criança. Igualmente, Fuertes (2004) e Aguiar (2006), verificaram, em amostras sem risco, que as mães com mais anos de escolaridade apresentam índices superiores de resposta estimulante e afetuosa e menos respostas intrusivas no decurso de situações de jogo diádico com os seus filhos(as). Por seu lado, as crianças apresentam menos comportamentos de submissão e mais cooperação. Internacionalmente, os relatórios do NICHD (National Institute of Child Health & Human Development) & Early Child Care Research Network (1999) indicam que a sensibilidade da resposta materna estava fortemente associada à escolaridade dos pais. Segundo Pelchat et al. (2003), esta associação pode ser explicada pela aquisição de valores e atitudes decorrentes das experiências de socialização vividas pelas mães, assim como também o acesso a recursos adicionais para lidar com os desafios inerentes à educação de uma criança. Especulamos que a sensibilidade das mães resulta de um complexo conjunto de fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais, A escolaridade materna afeta as representações sobre a infância e sobre a maternidade (NICHD, Early Child Care Research

Network, cf) que se podem traduzir nos comportamentos diretos com a criança.

Curiosamente, a escolaridade paternal associou-se de forma positiva à sensibilidade materna e negativamente com a compulsão infantil. Tami-LeMonda, Shannon, Cabrera e Lam (2004) também verificaram que a escolaridade dos pais e mães estava associada aos comportamentos interativos das mães, resultando uma maior sensibilidade materna para as mães cuja escolaridade paterna era maior. Este dado precisa de mais estudo, embora seja um fator individual, ele pode contribuir para uma certa organização de vida familiar (e.g., tipo de tempos livres, número de horas de trabalho por semana, satisfação profissional, etc.). No caso do nosso estudo, verificamos que os pais com mais estudos são também os pais mais velhos e as mesmas associações são encontradas em pais mais novos. Deste modo, os dois fatores em conjunto podem estar a contribuir para este resultado.

O Apgar ao 1º minuto correlacionou-se negativamente com a passividade infantil. Embora com outros objetivos, no estudo de Latino et al. (2017) em que os bebés com o índice de Apgar ao 1º minuto superior apresentaram um Padrão Socialmente Positivo e com um índice inferior apresentaram um comportamento com Padrão Socialmente Negativo. Analisando este dado à luz do modelo evolucionista de Crittenden (1999) é possível que os pais invistam mais nos filhos com maior viabilidade ou podem ser desencadeados processos biológicos no bebé ainda não totalmente compreendidos.

Do mesmo modo, o peso gestacional começa a surgir em vários estudos (Latino et al., 2017) como sendo um fator importante até em amostras de termo, o nosso estudo indicou uma curiosa correlação positiva entre o peso do bebé e a passividade infantil na amostra portuguesa. Se o modelo teórico citado anteriormente for também aplicado a este resultado, as mães investem mais nos bebés com maior peso gestacional e deste modo os bebés não precisam reclamar tanto a presença da mãe e podem ser mais calmos e menos responsivos.

### **Contributos, limitações e sugestões para futuros estudos**

Este estudo soma-se a contributos anteriores ao identificar variáveis importantes para o estudo do comportamento materno, mas ainda temos que reconhecer o papel da interação entre variáveis. Curiosamente, a escolaridade e a idade do pai foram os dois fatores que mais influenciaram a sensibilidade da mãe, especulamos que mães com mais anos de escolaridade tendem a ter mais meios para contribuir para a

estabilidade no seio familiar, provavelmente tem um melhor emprego, um nível económico mais elevado sendo possível que resulte numa maior estabilidade emocional da mãe e assim como maior disponibilidade para uma interação adequada. Com efeito, alguns estudos (e.g., Corwyn & Bradley, 2002; Tamis-LeMonda, Shannon, Cabrera & Lamb, 2004; Beeghly et al., 2011; Brooks-Gunn & Marrum, 2005; Ispa et al., 2004; Hoffet et al., 2002; Lansford et al., 2009; Paulussen-Hoogeboom et al., 2007) identificam que as variáveis moderadoras e potenciadoras têm um papel significativo nos processos de desenvolvimento e nos processos relacionais (revisão em Fuertes, Faria, Lopes dos Santos & Beeghly, 2016)

Reconhecer precocemente os determinantes da interação entre mãe-filho(a) pode conduzir ao levantamento de necessidades estruturadoras das práticas de uma intervenção de forma precoce. Partindo dos resultados deste estudo intercultural, a Intervenção Precoce (IP) futuramente deverá objetivar-se de forma a privilegiar a intervenção económica em cada família.

Este estudo oferece um contributo muito importante para os profissionais de IP assim como para os profissionais de Educação de Infância na medida em que, com base nos resultados, será importante aconselhar as mães a interagirem com os seus filhos(as) nas brincadeiras com os filhos, fomentando assim o aumento da sua sensibilidade, da qualidade de resposta das mães e dos filhos(as), do desenvolvimento inter-relacional entre ambos e ainda permite que a criança se organize. As variáveis paternas assumem neste estudo um papel importante, uma vez que os resultados evidenciam uma correlação com a sensibilidade materna, logo permite-nos aconselhar e incentivar a participação do pai nas rotinas do bebé, nas brincadeiras e noutras tarefas.

Como profissional, é importante ter em conta o comportamento dos pais e não apenas da criança uma vez que, este estudo vem confirmar o que já outros haviam indicado. Neste estudo verifica-se a importância da reciprocidade, atenção e participação materna para evitar comportamentos passivos ou difíceis da criança.

É indispensável que os técnicos de IP foquem também a sua atenção na qualidade de materiais/brinquedos acessíveis à criança, sendo importante a adequação à idade da criança e aos interesses da mesma promovendo assim o sentido exploratório.

A presente investigação apresenta algumas limitações: em primeiro lugar, o reduzido número de participantes, o que dificulta a generalização de resultados e o refinamento das análises estatísticas. Em segun-

do lugar, apresenta as limitações próprias de um estudo experimental (observação fora do contexto).

No futuro a equipa, procurará estudar as diferenças culturais noutras amostras europeias e americanas aumentando significativamente o tamanho da amostra e o emparelhado de sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- Aguiar, C. (2006). *Comportamentos Interactivos Maternos e Envolvimento da Criança*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Ainsworth, M. D. (1965). Further research into the adverse effects of maternal deprivation. In J. Bowlby. *Child Care and Growth of Love*. London: Penguin Book.
- Ainsworth, M. D.; Bell, S., & Stayton, D. (1971). Individual differences in Strange-Situation behaviour of one-year-olds. In H.R. Schaffer (Ed.), *The origins of human social relations* (pp. 17-52). New York: Academic Press.
- Ainsworth, M.D.S., Bell, S. M., & Stayton, D. J. (1974). Infant-mother attachment and social development: 'Socialisation' as product of reciprocal responsiveness to signals. In: M. Richards (ed.). *The integration of a child into a social world* (pp. 9-135). London: Cambridge University Press.
- Ainsworth, M. D., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment-A psychological study of the Strange Situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ainsworth, M. D. (1979). Infant-mother attachment. *American Psychology*, 34, 932-937.
- Ainsworth, M. D. S. (1985). Patterns of infant-mother attachments: Antecedents and effects on development. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61, 771-791.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss* (Vol. I). London: Penguin Book.
- Beeghly, M., Fuertes, M., Liu, C., Delonis, M., & Tronick, E. (2011). Maternal sensitivity in dyadic context: mutual regulation, meaning-making, and reparation. In D. W. Davis & M. C. Logsdon (eds.), *Maternal sensitivity: a scientific foundation for practice* (pp. 45-69). Hauppauge, NY: Nova science publishers.
- Bigelow, A. E., Maclean, K., Proctor, J., Myatt, T., Gillis, R., & Power, M. (2010). Maternal sensitivity throughout infancy: Continuity and relation to attachment security. *Infant Behavior & Development*, 33, 50-60.
- Bornstein, M. H., Putnick, D. L., Heslington, M., Gini, M., Suwalsky, J. T. D. Venuti, P., de Falco, S., Giusti, Z., & Zingman de Galperin, C. (2008).

Mother-child emotional availability in ecological perspective: Three countries, two regions, and two genders. *Developmental Psychology*, 44, 666-680.

Braungart-Rieker, J., Garwood, M. M., & Notaro, P. C. (1998). Infant Affect and Affect Regulation during the Still-Face Paradigm with Mothers and Fathers: The Role of Infant Characteristics and Parental Sensitivity. *Developmental Psychology*, 34(6), 1428-1437.

Brooks-Gunn, J. & Markham, L. B. (2005). The contribution of parenting to ethnic and racial gaps in school readiness. *Future of Children*, 15, 139-168.

Canelhas, D. (2011). Estudo sobre o impacto do risco biológico e ambiental na qualidade da interação mãe-filho(a). Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa.

Claussen, A., & Crittenden, P.M. (2000). Maternal sensitivity. In P. M. Crittenden & A. Claussen (Eds.). *The organization of attachment relationships: Maturation, culture and context.* (pp.1-10) NY: Cambridge University Press

Corwyn, R. & Bradley, R. (2002). Status Socioeconômico e Desenvolvimento da Criança. *Revisão Anual da Psicologia*, 53, 371-399.

Crittenden, P. M. (1981). Relationships at risk. In Belsky J. & Nezworski, T. (Eds.), *Clinical implications of attachment* (pp. 136-174). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Association.

Crittenden, P. M. (1992). Children's strategies for coping with adverse home environments: an interpretation using attachment theory. *Child Abuse & Neglect*, 16, 329-343.

Crittenden, P. M. (1999). A dynamic-maturational approach to continuity and change in pattern of attachment. In J. I. Vondra & D. Barnett (Eds.), *Atypical attachment in infancy and early childhood among at developmental risk.* Monographs of the society for research in Child Development, 258(64), 145-171.

Crittenden, P. M. (2003). CARE-Index Manual (não publicado). Miami: IASA.

Costa, M. A., Lopes dos Santos, P., & Fuertes, M. (2014). Processamento sensorial e interação diádica como promotores de resiliência nas crianças de famílias com baixos rendimentos. *Interações*, 30, 8-43.

De Wolff, M. S., & van Ijzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and attach-

ment: A Meta-Analysis on Parental Antecedents of Infant Attachment. *Child Development*, 68(4), 571-591. DOI: 10.2307/1132107.

Dilalla, D., & Crittenden, P. M. (1990). Dimensions of maltreated children's home behavior: a factor analytic approach. *Infant Behavior and Development*, 13, 439-460.

Dunst, C. J., & Trivette, C. M. (1988). Determinants of parent and child interactive behavior. In K. Marfo (Ed.), *Parent-child interaction and developmental disabilities: Theory, research, and intervention* (pp. 3-31). New York: Praeger.

Faria, A. (2011). Continuidade e desenvolvimento dos processos de vinculação à mãe e ao pai durante os primeiros 18 meses de vida. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal).

Faria, A., Lopes-dos-Santos, P., & Fuertes, M., (2014). Pais e mães protegem, acarinham e brincam de formas diferentes. *Análise Psicológica*, 4(XXXII), 419-437.

Fuertes, M. (1998). A organização dos comportamentos da vinculação na criança com alterações neuromotoras. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal).

Fuertes, M. (2005). Rotas da Vinculação – O desenvolvimento do comportamento interactivo e a organização da vinculação no primeiro ano de vida do bebé prematuro. (Dissertação de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Fuertes, M., & Lopes-dos-Santos, P. (2005). A vinculação em populações de risco. In Bairrão Ruivo, J. (Eds), *Desenvolvimento: contextos familiares e educativos* (pp. 172-199). Porto: Livpsi.

Fuertes, M., Lopes-dos-Santos, P., Beeghly, M., & Tronick, E. (2009). Infant coping and maternal interactive behavior predict attachment in a Portuguese sample of healthy preterm infants. *European Psychologist*, 14(4) 320, 45.

Fuertes, M., Faria, A., Lopes-dos-Santos, P., & Beeghly, M. (2016). The effects of parental sensitivity and involvement in caregiving on mother-infant and father-infant attachment in a portuguese sample. *Journal of Family Psychology*, 30(1), 147 doi:10.1037/fam0000139.

Glória, D. (2005). Relação entre escolaridade e diferenças constitui-

vas das fratrias. *Paidéia*, 15(30), 31-42.

Grossmann, K., Grossmann, K., Spangler, G., Suess, G. & Unzner, L. (1985). Maternal sensitivity and newborns' orientation responses as related to quality of attachment in northern Germany. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, 233-256.

Hoff, E., Laursen, B., & Tardif, T. (2002). Socioeconomic status and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol 2., pp. 231-252). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Isabella, R. (1993). Origins of Attachment: Maternal Interactive Behavior across the First Year. *Child Development*, 64(2), 605-621.

Ispa, J. M., Fine, M. A., Halgunseth, I. C., Harper, S., Robinson, J., Boyce, L., BrooksGunn, J., & Brady-Smith C. (2004). Maternal intrusiveness, maternal warmth, and mother-toddler relationship outcomes: Variations across low-income ethnic and acculturation groups. *Child Development*, 75, 1613-1631.

Kochanska, G. (1997). Mutually responsive orientation between mothers and their young children: Implications for early socialization. *Child Development*, 68, 94-112.

Kozłowska, K., & Hanney, L. (2002). The network perspective: an integration of attachment and family systems theories. *Family Process*, 41(3), 285-312.

Lansford, J. E., Criss, M. M., Dodge, K. A., Shaw, D. S., Pettit, G. S., & Bates, J. E. (2009). Trajectories of physical discipline: Early childhood antecedents and developmental outcomes. *Child Development*, 80, 1385-1402.

Latino, I., Barbosa, M., & Fuertes, M. (2017). Contributos maternos para a auto-regulação do bebé no Paradigma Face-to-Face Still-Face. *Análise Psicológica*. 35(4), 469-485.

Lucassen, N., Tharner, A., Van IJzendoorn, M. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., Volling, B. L., Verhulst, F. C., & Tiemeier, H. (2011). The association between paternal sensitivity and infant father attachment security: A meta-analysis of three decades of research. *Journal of Family Psychology*, 25, 986-992. DOI: 10.1037/a0025855.

Mansson, J., Fellman, V., & Stjernqvist, K. (2014) Children born extremely preterm show significant lower cognitive, language and motor

function levels compared with children born at term, as measured by the Bayley-III at 2.5 years. *Acta Paediatrica*, 103(5), 504-11.

Mayes, L., & Carter, A. (1990). Emerging Social Regulatory Capacities as Seen in the Still-Face Situation. *Child Development*, 61(3), 754-763.

Mistry, R.S., Vandewater, E.A., Huston, A.C., & McLoyd, V.C. (2002). Economical well-being and children's social adjustment: The role of family process in a ethnically diverse low income sample. *Child Development*, 73, 935-951.

Paulussen-Hoogeboom, M. C., Stams, G. J. M., Hermanns, J. M. A., & Teetsma, T. T. D. (2007). Child negative emotionality and parenting from infancy to preschool: A meta-analytic review. *Developmental Psychology*, 43, 438-453.

Pelchat, D., Bisson, J., Bois, C., & Saucier, J. (2003). The effects of early relational antecedents and other factors on the parental sensitivity of mothers and fathers. *Infant and Child Development*, 12, 27-51.

Ribeiro, C. (2017). A influência da idade gestacional nas habilidades do desenvolvimento infantil e a qualidade da interação na díade mãe-bebê ao longo do primeiro ano de vida. (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade de São Paulo-Faculdade de Odontologia de Bauru, Bauru, Brasil.

Sameroff, A. & Fiese, B. (2000). Transactional regulation and early intervention, in J.P. Shankoff, & S. J. Meisels (Eds). *Handbook as early childhood intervention* (pp. 135-159). Cambridge: Cambridge University Press.

Serradas, A., Tadeu, B., Soares, H., & Fuertes, M. (2016). Estudo da sensibilidade materna em díades de risco biológico, ambiental e acumulado. In Fuertes, M., Nunes, C., & Rosa, J. (org). *Evidências de Intervenção Precoce – CIED*. (pp. 19-36). Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa/Instituto Politécnico de Lisboa.

Tamis-LeMonda, C.S., Shannon, J.D., Cabrera, N.J., & Lamb, M.E. (2004). Fathers and mothers at play with their 2- and 3-year-olds: Contributions to language and cognitive development. *Child Development*, 75, 1806-1820.

Tarabulsky, G. M., Bernier, A., Provost, M. A., Maranda, J., Larose, S., Moss, E., Larose, M. & Tessier R. (2005). Another look inside the gap: Ecological contributions to the transmission of attachment in a sample of adolescent mother-infant dyads. *Developmental Psychology*, 41, 212- 224.

van den Boom, D.C. (1997). Sensitivity and attachment: Next steps for developmentalists. *Child Development*, 68, 592-594.

Williford, A., Carter, L., & Pianta, R., (2016). Attachment and School Readiness, In C. Cassidy, & Shaver, P. *Handbook of Attachment Third Edition Theory, Research, and Clinical Applications*, (pp. 966-982). NY: The Guilford Press.

Zamberlan, M. (2002). Interação mãe-criança: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos. *Estudos de Psicologia*. 7(2), 399-406.